

O mar abandonado de Brasília

CAROLINA CARABALLO
DA EQUIPE DO CORREIO

O som da sirene no dia ensolarado ainda traz boas recordações para a aposentada Marisabel Anunciação Ribeiro, 55 anos. O barulho estridente, vindo da década de 1980, anunciava diversão. Eram cinco minutos de ondas com até 1m de altura. E, diante dos olhos da mulher e seus três filhos, o mar chegava à capital federal. Marisabel era freqüentadora da piscina com ondas do Parque Dona Sarah Kubitschek, mais conhecido como Parque da Cidade. “Gostava muito de ir para lá nos finais de semana. Não me importava nem de enfrentar fila. Era aberto para todos e as crianças ficavam ansiosas à espera das ondas”, descreve a moradora de Taguatinga. “Guardo ótimas lembranças de lá.”

A piscina era o mar dos brasilienses até o início da década de 1980. Cerca de 1,5 mil pessoas freqüentavam o espaço durante a semana. No auge da piscina, nas décadas de 1980 e 1990, o lugar chegava a receber 9 mil pessoas aos sábados e domingos. A decadência da piscina com ondas começou há mais de 20 anos, com a morte do casal de franceses que tocava o empreendimento. O advogado da família tentou manter a atração em funcionamento, mas falhou. Ficaram as dívidas da taxa de ocupação, luz, água e funcionários. Os valores ultrapas-

Gustavo Moreno/Especial para o CB - 21/11/06



LIXO INVADE ÁREA DA PISCINA COM ONDAS: ÁGUA FOI DRAGADA ESTE ANO E PEIXES DEFENDEM O LOCAL DAS LARVAS DO Aedes Aegypti, QUE TRANSMITE DENGUE

sam os R\$ 800 mil, pelos cálculos de técnicos do Governo do Distrito Federal (GDF).

O GDF anunciou a reforma da piscina em outubro de 2003. O projeto previa a transformação do espaço em um parque aquático e a transferência da

administração para a iniciativa privada. Pelo cronograma do GDF, as obras começariam em março de 2004. A idéia era ter uma piscina com ondas maiores do que as originais, um tobogã, bares, lanchonetes e outros brinquedos em uma área fecha-

da. Porém, o plano não vingou por causa da falta de interesse de empresas particulares.

Em agosto de 2005, a Secretaria de Administração de Parques e Unidades de Conservação (Comparques) previu o lançamento de um edital de licita-

ção para as obras. Mas a concorrência pública nunca saiu do papel. Os anos de abandono agravaram as avarias da piscina. As laterais do tanque, que tem 25 mil metros quadrados de área, afundaram e os encanamentos estão corroídos.

Depósito de sujeira

Hoje, o velho tanque que se chamava piscina com ondas é um reservatório de água acumulada da chuva e virou depósito de lixo dentro e fora de sua área de banho. Pedacos de madeira, garrafas plásticas, latas de refrigerante e cerveja, preservativos e plantas se misturam na superfície da água e ao largo das bordas. Entre o lixo, peixes vivem no tanque com uma missão: evitar que a piscina se torne um foco do mosquito da dengue.

O abandono da piscina com ondas, no entanto, não se reflete apenas no tanque, na casa de máquinas ou nos chuveiros. Um vigia do parque que pede para não ser identificado conta que o espaço é território sem lei, principalmente durante a noite. “Aqui acontece de tudo. Tem gente que vem para cá se drogou, moradores de rua usam o vestiário como dormitório”, relata o homem. Completam o cenário, garrafas vazias esquecidas nos banheiros e materiais usados para preparar doses de drogas, que dão a dimensão do descaso com um dos mais conhecidos cartões-postais da capital federal. (CC)